

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

D.M^{II}

C
A
R
T
A



CARTA

DIREÇÃO MÓNICA CALLE

14 – 24 jan 2021

qua a sáb, 19h

dom, 16h

Antestreia

12 e 13 jan

ter e qua, 19h

Sala Garrett

duração

2h

M/16

Sessão com Audiodescrição

24 jan

com

Ana Água,

Ângela Flores Baltazar,

Beatriz Almeida,

Berta Vidal,

Brígida Sousa,

Bruna de Moura,

Carolina Varela,

Cire Ndiaye,

Cleo Tavares,

Eufrosina Makengo,

Inês Pereira,

Inês Vaz,

Joana Campelo,

Joana Santos,

Joana de Verona,

Kristina Van de Sand,

Lucília Raimundo,

Madalena Rato,

Mafalda Jara,

Mafalda Tuna,

Maria da Rocha,

Maria Inês Roque,

Mariana Correia,

Mariana Sardinha,

Marta Félix,

Miu Lapin,

Mónica Calle,

Mónica Garnel,

Roxana Ionesco,

Sara Miguel,

Sílvia Barbeiro,

Sofia Dinger,

Sofia Duarte,

Sofia Miguel Castro,

Sofia Santos Silva,

Sofia Vitória

direção musical

Martim Sousa Tavares

desenho de luz

José Álvaro Correia

assistência de encenação

José Miguel Vitorino

produção executiva

Sérgio Azevedo

produção

Casa Conveniente /

Zona Não Viguada

coprodução

Teatro Nacional D. Maria II

equipa TNDM II

direção de cena

Andreia Mayer

operação de luz

Pedro Alves

operação de som

João Neves

maquinaria

Miguel Carreto

auxiliar de camarim

Carla Torres

produção executiva

Joana Costa Santos



COMO É QUE SE CONTINUA COM ALEGRIA, SEM PERDER A ESPERANÇA E A UTOPIA

CONVERSA COM **MÓNICA CALLE**

Começo com a questão que lançou este projeto, já lá vão 7 anos: como continuar? Como continuar depois de Ensaio para uma Cartografia, estreado neste teatro em 2017 com enorme aplauso de público e crítica? Como continuar sem Bruno Candé, ator e família da Casa Conveniente, assassinado em 2020? Como continuar uma estrutura artística que perdeu o apoio financeiro do Estado? Como continuar, enfim, nas circunstâncias em que vivemos?

Mónica Calle [MC]: [suspiro] Eu comecei este trabalho porque estava perdida e à procura de como é que se continua... e isso mantém-se. Esse caminho e essa ideia de que o grande privilégio do trabalho performativo — que é muito específico — é permitir a ligação, a comunhão, entre quem faz e entre quem faz e aqueles a quem o trabalho é devolvido. Mesmo que esse trabalho seja feito com muitos constrangimentos. Neste momento, esses constrangimentos vêm de aspectos bastante distintos. Por um lado, obviamente e em primeiro lugar há a questão dos constrangimentos económicos: que sempre esteve presente e continua a estar — tenho sempre de adaptar-me a eles, sem desistir do que quero fazer. Depois, esta *Carta* seria a possibilidade de, no fundo, reunir todas as atrizes que fizeram parte destes sete anos [de pesquisa e espetáculos] — e isso, por várias razões, não vai ser possível agora. E há um grupo de novas intérpretes — músicas — que também gostava que fosse maior, mas não é possível. Além disso, esta pandemia obrigou-nos a ter um tempo de trabalho muitíssimo reduzido e é, também, extremamente complicado estar a trabalhar sabendo que a qualquer momento o espetáculo pode ser cancelado [por contágio ou por medidas de contenção da pandemia]. Ou seja, é tudo muito frágil. [A questão é] Como é que, com tudo isto, continuas a conseguir acreditar e fazer com que as pessoas continuem a acreditar, a acreditar que a possibilidade do trabalho artístico — e deste

trabalho em particular — é, de facto e neste momento mais do que nunca, uma possibilidade de liberdade e de esperança, de utopia, de resistência e de força! E portanto, para mim, este trabalho ganhou toda esta dimensão muito amplificada... de tal maneira que eu própria não consigo lidar com todas estas emoções e pensamentos neste momento. Mas continuo a acreditar que o trabalho tem esta dimensão [que agora é] ainda mais forte. Somos um grupo muito grande, somos muitas pessoas e o trabalho só existe nesta ligação entre nós. Não é possível haver distância. A força do trabalho e aquilo que o trabalho representa é exatamente essa ligação, essa força que é individual mas que existe neste coletivo. Só conseguimos fazer isto porque estamos juntas. Estamos juntas a partilhar as nossas forças, os nossos medos, as nossas frustrações, a nossa esperança e a nossa alegria!

Este projeto leva à cena corpos que se põem à prova e que falham e que sabem que é na falha que está a possibilidade de superação. E existe esse paralelo entre o que está a acontecer no palco a este corpo — que é o oposto do corpo sobre-humano, do corpo virtuoso — e a prática artística tal como tu a entendes e praticas. E em que a fragilidade é uma constante.

MC: Claro. E aqui com outra dimensão [que não existia em *Ensaio para uma Cartografia*]: nesta *Carta* não há nada que seja exterior àquilo que nós somos capazes de fazer. Ou seja, não há vozes de maestros, não há música gravada, tudo aquilo que acontece é aquilo que nós somos capazes de fazer. Nós, atrizes e músicas — que trazem uma outra dimensão ao trabalho. E estamos só a trabalhar sobre a *Sétima Sinfonia* de Beethoven, ou melhor, estamos a trabalhar sobre quatro andamentos... não a vamos trabalhar na totalidade, porque é impossível. Ou seja, estamos a devolver a *Sinfonia* mas na sua ausência, nessa impossibilidade de a concretizar. Ela está lá mas parcialmente, dentro das nossas possibilidades e dessas ausências e dessas faltas. Não há nada de fora, é só aquilo que nós fazemos.

O Boléro [de Ravel], que era uma espécie de partitura do Ensaio, desaparece enquanto música mas permanece enquanto movimento?

MC: Sim, o movimento está mas a música já não existe. Todos os materiais sonoros são produzidos por nós. Tudo aquilo que se ouve, tudo aquilo que é tocado ou que é cantado somos nós. Existe a voz, a

nossa voz. Nos espetáculos anteriores as vozes vinham de fora, neste *Carta* existem as vozes dos nossos corpos, as nossas próprias vozes.

Quer dizer que este coletivo encontrou a sua voz?

MC: Encontrou uma voz coletiva, sim. E essa voz vem também desta impossibilidade de se tocar e de se ouvir a *Sétima* na sua totalidade. Há uma ideia de coro — músicas e atrizes estão no mesmo plano — que tem a ver com o movimento físico do *Boléro* e com todas as partes corais dos vários andamentos da *Sétima*. São fragmentos, excertos, [mas] aí há uma unidade, há essa voz que tenta.

Portanto, as 14 músicas profissionais que agora se juntam às atrizes do Ensaio participam de todo o movimento coletivo. E o ponto é o mesmo, todas tentam?

MC: Todas tentam. Todas tentam tocar os excertos da *Sinfonia* que o [maestro] Martim Sousa Tavares escolheu e que são, no fundo, representativos de toda a sinfonia. São fragmentos reconhecíveis, são aquilo que para nós foi possível devolver, tocar e cantar. As músicas e as atrizes têm, pela primeira vez, uma voz, ou seja, usam o seu instrumento — a voz, o seu corpo — de uma forma total. A voz é nossa.

E, como no Ensaio, mantém-se a repetição e a duração como formas de tornar visíveis — e sensíveis — todas as camadas do espetáculo

MC: Sim, tanto do ponto de vista físico como musicalmente. Esta aproximação à *Sinfonia* vai ganhando dimensão pela própria repetição dos excertos. No fundo tentamos, na impossibilidade e na falha — lá está, mais uma vez...—, encontrar esta dimensão maior. A repetição tem sempre a ver com partires das coisas mais frágeis que vão ganhando [dimensão] com a acumulação... com o estarmos juntas.

Vi o Ensaio várias vezes e houve sempre essa dimensão de revelação ao longo da peça. De tal maneira que, muitas vezes, o público se juntou às atrizes no esforço final. Como se fosse necessário aquele compromisso e empenhamento de ambos os lados, palco e plateia.

MC: Sim, sim... Este caminho coletivo não existe sozinho, sem o público. Esta dimensão só acontece verdadeiramente neste encontro

com o público, só aí é que nós compreendemos. Há sempre esta surpresa. Eu não sei, também, é um processo que ainda estou a descobrir... O resultado desta *Carta*, o que vai ser esta conclusão, só acontece quando nos encontramos com o público. Isto tem acontecido sempre... E mais uma vez, durante o processo de trabalho, aconteceu aquilo que aconteceu nos anos anteriores: toda a gente se vai questionando, em tempos diferentes, sobre o que está ali a fazer. Há ali, ao mesmo tempo, uma incompreensão e um confronto muito pessoal e muito profundo. É um trabalho que nos devolve muito, mas que é um confronto muito individual e muito pessoal com todos os aspetos das nossas vidas. Até porque é um trabalho que coloca várias questões sobre o ego. As pessoas vão-se revelando durante o trabalho e, à medida que vais descobrindo este corpo comum, vais descobrindo cada corpo individual, cada pessoa, e de uma forma que não é racional. E para as intérpretes, às vezes, é muito violento acreditarem que não são uma massa e que a força do trabalho é exatamente a individualidade de cada uma que se vai revelando e que é fundamental. A sua individualidade revela-se exatamente porque existe o conjunto. Neste trabalho vais descobrindo cada uma exatamente porque elas estão juntas, essa revelação só acontece porque são várias pessoas a fazerem um caminho, juntas.

E também por aí este é um trabalho de resistência, resistência ao padrão.

MC: E eu acredito nisso, mas sei que sempre há estas questões. O trabalho é muito violento para a maior parte delas — e para mim também o é, de outra maneira porque eu estou nos dois sítios — , toca em coisas muitas vezes desconhecidas, zonas de muitos aspectos da vida, pessoais, profundos, secretos, transversais... e de uma forma muito pouco evidente.

É uma prova, sempre foi uma prova.

MC: E continua a ter essa dimensão. Acho que há uma memória, mas também que [em *Carta*] se vai mais longe e mais fundo em todas essas descobertas e questões, espero... E também espero que [o espetáculo] possa devolver esse lugar de resistência e também de utopia e de esperança e de coragem que me parece absolutamente fundamental, ainda mais neste momento e nestas circunstâncias.

E também essa ideia de processo que leva a uma catarse.

MC: Eu espero que sim, para mim isso continua a fazer sentido. Nós começamos num sítio e vamos fazer um caminho e esperamos conseguir levar o público conosco... Ou seja, que o processo possa ser coletivo, entre nós e o público, e que haja de facto uma catarse. Na forma como o trabalho foi pensado há um caminho a percorrer à procura dessa catarse.

Volta a existir um manifesto teu no início desse caminho?

MC: Não será o mesmo, mas há coisas que são comuns. Acho que é importante essa ligação. E é importante nomear pessoas, nomear os ausentes. Acho que se deve sempre nomear os ausentes. Há um dever de nomear quem não pode estar, quem não tem voz. Por mais simbólico que possa parecer, para mim é fundamental, e sem ser de uma forma demagógica, poder dar voz aos que não a têm.

Esse manifesto, no Ensaio, enunciava também a proposta de comunhão que implicava, a intenção de religare.

MC: Eu continuo a acreditar nisso. Acho que é importante, até porque este trabalho é uma história. Sendo outro trabalho é uma continuação, estamos a falar de um processo de sete anos de vida! Há pessoas que estão aqui há sete anos, outras que chegaram agora. E se eu, há dois anos, pensei que isto seria uma espécie de conclusão... não é verdade! O que também faz sentido. Não há uma conclusão, não é possível concluir um caminho, concluir um processo — não há conclusões, não se conclui! E, como muitos outros trabalhos, este tem isso muito claro e muito presente. Não acredito na arte e nos processos que começam e acabam, não é verdade, tal como a vida não é assim. Andas sempre para trás e para frente! E este trabalho tem essa característica muito presente...nunca será concluído.

É para continuar.

MC: É para continuar. Há muitas pessoas novas que chegaram, há outras que estou a redescobrir, há pessoas que se estão a descobrir, muitas das músicas são muito jovens, têm vinte, 21 anos... como tinham muitas das atrizes quando eu as conheci. E isso é muito comovente, ter visto pessoas a crescer na vida, a crescer no trabalho...

ter esse privilégio também. E estes processos permitem isso, fazer um caminho na vida e no trabalho, haver zonas no trabalho em que continuamos juntos, a trabalhar juntos, a viver juntos e a termos uma história, um passado e, no fundo, a possibilidade de pensar um futuro, também.

Aliás todo o projeto, na sua duração, é também uma afirmação de resiliência nos anos da Troika, quando a Casa Conveniente sai do Cais do Sodré para a Zona J e perde o apoio da DGArtes. Uma forma de dizer ‘nós continuamos e vamos continuar’.

MC: ... E continua tudo na mesma. E isso só é possível porque estamos juntos. De outra maneira não seria possível.

A proximidade física entre plateia e palco que é tão importante no teu trabalho – e era uma condição de apresentação do Ensaio quando estreou na Sala Estúdio – é menos óbvia na Sala Garrett. A escala é um problema?

MC: Neste momento é uma coisa que não me assusta, por uma razão: como circulámos bastante com o *Ensaio*, acabámos por fazer o espetáculo em salas enormes, com 400 lugares e palco tradicional. E eu percebi que não havia alteração à relação que o trabalho propunha. E também porque este é um trabalho novo e eu estou a trabalhar já sobre aquela escala e aquela relação palco-plateia. E, portanto, não considero que aquela sala seja um problema em relação ao material e à força, intimidade, delicadeza e proximidade que o trabalho precisa.

Essa circulação de que falas foi nacional e internacional. Ensaio para uma Cartografia marca finalmente a internacionalização do teu trabalho, com digressões em grandes teatros europeus...

MC: ... interrompidíssimas por esta pandemia! Tínhamos sete digressões marcadas na Europa e no Brasil e a possibilidade de coprodução internacional para este trabalho... que ficou inviabilizada. Algumas das digressões foram reagendadas, várias vezes, mas neste momento tudo é incerto... Temos projetos de futuro, também no sentido de uma autonomia... mas enfim.

Aconteceram neste ano tantas coisas terríveis... a morte do [Bruno] Candé... Um mês antes dele ter morrido fazemos a proposta à

Culturgest de um trabalho pensado para ele... E agora vamos tentar fazê-lo...mas sem Candé. No final, talvez o mais importante seja como é que se resiste, como é que não se desiste, como é que se continua... Como é que se continua mesmo com a tristeza, mesmo com todas estas dificuldades, mesmo com todas estas frustrações... Como é que se continua com alegria, sempre, sem perder a esperança e a utopia. Estar aqui, mesmo se não pudermos estrear. Estamos a fazer uma coisa que pode ou não ser adiada, mas ela está a acontecer. Podemos continuar a trabalhar, a descobrir.

E a fazer comunidade, que é tão intrínseco ao teu trabalho, neste projeto como em Rifar o Coração ou Esta Noite Improvisa-se, na Zona J como em Viena, a par com um lado ferozmente solitário – e a revisitação recente dos teus Solos permitiu aferirmos isso.

MC: Eu preciso dos outros. Não faz sentido sem esta ideia de família, de um lugar... Acredito mesmo que nós não existimos sem os outros. É impossível. Como neste trabalho: a tua individualidade existe na tua relação com o todo, com os outros, é nesse movimento que ela tem expressão.

O teatro como lugar de encontro, portanto.

MC: Essa é a raiz do teatro, como lugar social, é uma das premissas iniciais. Se o teatro não for um lugar de encontro qual é o sentido? Torna-se o quê? Uma das coisas mais felizes, nestes últimos anos, é saber que tenho espectadores que são muito transversais e muito heterogéneos e estão conosco há muitos anos. Iam à Casa Conveniente no Cais do Sodré, foram depois à Zona J, mas também vão aos teatros. Muitos deles são pessoas solitárias e irem ao teatro é uma possibilidade de estarem com os outros. Isso é muito recompensador... Ao longo destes anos todos, os meus trabalhos têm permitido esse lugar em que eu vou conhecendo as pessoas, os nomes, as vidas... Uma das coisas mais terríveis de todos estes constrangimentos do Corona é acabar um espetáculo e as pessoas não poderem estar juntas. Para mim é das coisas mais perturbadoras. O teatro é um local de encontro entre quem faz, entre quem vê e entre quem faz e quem vê. Tem esta dimensão. E é recompensador, com todos os constrangimentos, conseguir que os espetáculos continuassem a ser esse local de encontro, de não anonimato, de pessoas a estabelecerem relações entre elas, criarem amizades... Toda esta dimensão que

me escapa, que está além do objeto teatral, esta dimensão da possibilidade de encontro, de estarmos juntos.

E, sendo o despojamento outra das características do teu teatro, criada com o estritamente essencial.

MC: O que eu faço, no fundo, parte sempre das pessoas com quem desenvolvo os trabalhos. Porque acredito que isto é sobre o tempo, que estamos a criar relações sobre o tempo, sobre este caminho que é a vida e que é o processo artístico. Tudo é construído a partir das pessoas. A questão é que relações é que se estabelecem entre o objeto e o público. Essa questão está presente, desde o início, em todo o pensamento — que relação é que eu quero estabelecer? É a partir daí que eu começo a pensar. E é sempre um pensamento muito estético e muito estilizado, mas que existe com os corpos, com a luz e com a relação entre palco e plateia. E todos os constrangimentos económicos, no fundo, obrigaram-me também a construir uma estética, mas nunca abdiquei de uma estética pelos constrangimentos materiais, antes pelo contrário, fui depurando. E fui compreendendo o que na realidade me interessa, que são os corpos, as pessoas e a luz. A luz é muito importante no meu trabalho, encaro-a como corpo, como espaço. Agrada-me, no fundo, ir ao essencial e não ao que é descartável, ao que é show off, sem mascarar. É importante também o risco, a falha, expões sempre o que falta, o que é frágil, o que é perecível e também mais misterioso... Encontrar esse lugar de surpresa, surpreender-me, espantar-me, não desistir de procurar o espanto. E é também através do despojamento que podes aceder ao espanto, às coisas mais sagradas, mais secretas, mais religiosas, mais transversais a todos nós.

CONVERSA COM MARIA JOÃO GUARDÃO
A 6 DE JANEIRO DE 2021.



A SEGUIR NA SALA GARRETT

MORTE DE UM CAIXEIRO VIAJANTE



4-28 FEV
DE ARTHUR MILLER

ENCENAÇÃO JORGE SILVA MELO

**COM AMÉRICO SILVA, ANDRÉ LOUBET, ANTÓNIO SIMÃO, JOANA BÁRCIA,
JOANA RESENDE, JOSÉ NEVES, PEDRO BAPTISTA, PEDRO CAEIRO, PAULA MORA,
SARA INÊS GIGANTE, TIAGO MATIAS, VÂNIA RODRIGUES**

PRODUÇÃO ARTISTAS UNIDOS

COPRODUÇÃO TEATRO NACIONAL D. MARIA II, TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

mais informações em www.tndm.pt

QUEM SOMOS

Direção Artística

Tiago Rodrigues

Conselho de Administração

Cláudia Belchior,
Pedro Gonçalves de Proença,
Rui Catarino

Fiscal Único

Amável Calhau &
Associados, SROC, Lda.

Assessoria Artística

Magda Bizarro,
Assessoria Contratação Pública
Rute Presado
Secretariado
Marina Almeida Ricardo
Motorista
David Fernandes

Atores

João Grosso,
José Neves,
Lúcia Maria,
Manuel Coelho,
Paula Mora e
Catarina Couto Sousa,
Cláudio Castro,
Ema Marli,
Inês Cóias,
Nadezhda Bocharova
(estagiários
ESTC 2020-21)

Direção de Produção

Carla Ruiz,
Joana Costa Santos,
Manuela Sá Pereira,
Pedro Pires,
Rita Forjaz

Direção de Cena

André Pato,
Andreia Mayer,
Carlos Freitas,
Catarina Mendes,
Diana Almeida,
Isabel Inácio,
Pedro Leite,
Sara Cipriano
e Diana Especial
(estagiária)
Auxiliares de Camarim
Carla Torres,
Paula Miranda
Pontos
Cristina Vidal,
João Coelho
Guarda-roupa
Aldina Jesus,
Ana Teixeira,
João Pinto,
Sílvia Galinha
Assistente Direção de Cena e Técnica
Filipa Coelho

Direção Técnica

Rui Simão,
Miguel Abelho
Maquinaria e Mecânica de Cena
Frederico Godinho,
Jorge Aguiar,
Lindomar Costa,
Marco Ribeiro,
Miguel Carreto,
Paulo Brito,
Nuno Costa
Iluminação
João de Almeida,
Daniel Varela,
Feliciano Branco,
Luís Lopes,
Pedro Alves
Sofia Andrade (estagiária)
Som/Audiovisual
Pedro Costa,
André Dinis Carrilho,
João Neves,
João Pratas,
Margarida Pinto,
Tiago Alves
Motorista
Carlos Luís

Direção de Comunicação e Marketing

João Pedro Amaral,
Élia Teixeira,
Joana Bonifácio,
Paula Martins,
Tiago Mansilha

Direção Administrativa e Financeira

Sónia Teixeira,
Carolina Lemos,
Eulália Ribeiro,
Susana Cerqueira
Controlo de Gestão
Diogo Pinto
Tesouraria
Ivone Paiva e Pona

Recursos Humanos

Verónica Bicho,
Lélia Calado,
Madalena Domingues

Direção de Manutenção

Susana Dias,
Albertina Patrício
Manutenção Geral
Raul Rebelo,
Carlos Henriques,
Eduardo Chumbinho,
Tiago Trindade
Informática
Nuno Viana
Técnicas de Limpeza
Ana Paula Costa,
Luzia Mesquita

Direção de Relações Externas e Frente de Casa

Ana Ascensão,
Ana Pinto Gonçalves,
Carolina Villaverde
Rosado,
Deolinda Mendes,
Mariana Gomes
Bilheteira
Rui Jorge,
Carla Cerejo,
Sandra Madeira
Receção
Isabel Campos,
Paula Leal

Direção de Documentação e Património

Cristina Faria
Acervo
Rita Carpinha
Biblioteca | Arquivo
Catarina Pereira,
Ricardo Cabaça
e Anabela Mourato,
Cláudia Graça,
Filomena Chiaradia,
Rafael Oliveira
(Projeto Rossio)
Livraria
Maria Sousa